

Roberto Sidnei Macedo
Sílvia Michele Macedo de Sá

Etnografia crítico-implicada e formação de professores

Compreendemos que a etnografia como uma opção epistemológica, metodológica e política, como uma atitude de pesquisa *implicada*, é uma experiência aprendente que busca uma nova inflexão, pois coloca ciência e tradição ou os cientistas e os “intelectuais da tradição” (ALMEIDA, 2000), numa condição de equidade diante do saber e da criação de saberes.

Inspirados predominantemente nas contribuições da antropologia filosófica, mas, também, nos teóricos clássicos do campo, bem como tomando a pesquisa como uma práxis social aprendente, os argumentos desenvolvidos neste trabalho elevam a etnografia a uma condição metodológica singular, na medida em que, como prática aprendente, pode desenvolver um olhar compreensivo e implicado em face da sua complexidade ontológica e sociocultural. A etnografia aqui é entendida como uma prática cultural, aprendente e formativa. O olhar etnográfico é um exercício diário para o pesquisador que adota a atitude de investigação não só em termos teórico-metodológicos, mas, também, em termos éticos e políticos de aprender sobre-e-com os sentidos e significados da emergência ontológica dos sujeitos e sua dinâmica cultural. O exercício de aprendizagem sociocultural para a compreensão e desenvolvimento do trabalho etnográfico - a compreensão da cultura - faz com que o pesquisador- etnógrafo reaprenda, reavalie, desconstrua, reconstrua os seus próprios valores e entendimentos do que é ser um sujeito social e suas realizações. A práxis etnográfica, ou seja, a etnografia como uma prática que nos desafia e nos faz refletir, é uma aprendizagem dinâmica, dialética, simbólica, por vezes caótica, da educação cotidiana. A etnografia é um processo de busca compreensiva

que nos ensina a aprender ou mesmo a reaprender a nossa própria condição, a nos ver pelos olhos do outro e tentar compreender o outro compartilhando o seu olhar.

Tomando nossas intenções de texto, a questão central aqui é: como professores em formação podem se apropriar desse dispositivo de pesquisa para, via uma certa atitude de pesquisa, formar-se praticando uma etnografia-crítica-com cenários onde estão *implicados*?

Para nós, professores como etnógrafos-críticos, melhor dizendo, *intercríticos*, como observadores que se observam e aprendentes implicados, como seres humanos-conectores, indagam-se sempre após suas etnografias críticas: estamos nós revitalizados para melhorar o processo formacional como resultado de nossa forma de ver e praticar? Em formação, podemos superar os clichês e jargões da retórica educacional apontando para a desconstrução de algumas práticas abstracionistas e, muitas vezes, excludentes?

Etnografias crítico-implicadas têm a ver com o ato de examinar de perto e de dentro as implicações. Sua atividade é precisamente a condição que permite que os jogos de força apareçam, sejam eles sociais, ideológicos, psicológicos ou políticos. Que apareçam não enquanto abstrações ou enquanto conteúdos *a priori* formalizados, mas enquanto concretude cotidiana em movimento (KOHN, 1998).

Com esses argumentos, entendemos que a etnografia crítico-implicada se consubstancia numa fonte fecunda de processos aprendentes para o professor em formação. Uma possibilidade ímpar para que professores se formem na pesquisa e pela pesquisa implicada via problemáticas concretas das suas opções profissionais e/ou formativas, bem como se tornem mais sensíveis e acolhedores diante do que Macedo de Sá (2015) dos âmbitos das suas pesquisas etnográficas denomina de *etnoaprendizagens*.



Figura 1. Escola indígena Kiriri, Núcleo de Arraça, Banzaê-BA. Espaço de dinâmicas culturais, resignificações e resistências etnocurriculares e etnoaprendentes. Foto etnográfica: Sílvia Michele Macedo de Sá.

Tomando a etnometodologia como inspiração teórico-metodológica, a partir de uma etnografia-crítico implicada, professores em formação, como cronistas da sua própria realidade profissional e formativa, se tornariam autores das suas descritibilidades, inteligibilidades e analisibilidades. Com isso, experimentariam com a experiência da pesquisa tornarem-se coautores de si e dos seus processos formativos.

Sobre os autores

Professor Titular da FACED-UFBA. Coordenador do FORMACCE e do GT de Currículo da ANPED.

Antropóloga e Professora Adjunta do CECULT-UFRB.

Referências

ALMEIDA, Maria da C. *Complexidade e cosmologia da tradição*. Belém: EDUEPA; UFRN/PPGSC, 2000.

KOHN, Ruth. *A pesquisa pelos práticos*. 1998, p. 4, mimeo.

MACEDO DE SÁ, Sílvia, M.; MACEDO, Roberto S. *Etnocurrículo, etnoaprendizagens: a educação referenciada na cultura*. São Paulo: Loyola, 2015 (no prelo).